

Margarita e o Mestre

Mikhail Bulgakov



Tradução de António Pescada

COLEÇÃO MIL FOLHAS



ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

1. Nunca falem com desconhecidos
2. Pôncio Pilatos
3. A sétima prova
4. Perseguição
5. O que aconteceu na Griboedov
6. Esquizofrenia, como já se disse
7. O apartamento sinistro
8. Duelo entre o professor e o poeta
9. As partidas de Koroviev
10. Notícias de Ialta
11. Ivan dividido em dois
12. A magia negra e a sua completa revelação
13. O aparecimento do herói
14. Viva o galo!
15. O sonho de Nikanor Ivanovitch
16. A execução
17. Um dia agitado
18. Visitantes azarados

SEGUNDA PARTE

19. Margarita
 20. O creme de Azazello
 21. O voo
 22. À luz das velas
 23. O grande baile de Satã
 24. Reaparição do Mestre
 25. Como o procurador tentou salvar Judas de Carioth
 26. O enterro
 27. O fim do apartamento número 50
 28. As últimas aventuras de Koroviev e Behernot
 29. Onde se decide o destino do Mestre e de Margarita
 30. É tempo! É tempo!
 31. Nos montes de Vorobiev
 32. Perdão e refúgio eterno
- Epílogo

– Quem és tu, afinal?
– *Sou parte daquela força que eternamente quer o mal e eternamente
quer o bem.*

GOETHE, Fausto

PRIMEIRA PARTE

Nunca falem com desconhecidos

Ao pôr do Sol de um dia de Primavera invulgarmente quente, apareceram, no lago do Patriarca, em Moscovo, dois cidadãos. Um deles, vestindo um fato cinzento de Verão, era baixo, gordo, calvo. Trazia na mão o seu respeitável chapéu de abas largas e na cara bem barbeada usava uns óculos anormalmente grandes com aros pretos de tartaruga. O outro, um jovem de ombros largos, cabelos arruivados e revoltos, com um boné de xadrez puxado para a nuca, vestia uma camisa de cow-boy, calças brancas amarrotadas e sapatilhas pretas.

O primeiro era nem mais nem menos que Mikhail Alexandrovitch Berlioz, presidente de uma das maiores associações literárias de Moscovo, conhecida pela abreviatura MASSOLIT¹, e editor de uma volumosa revista literária. O seu companheiro era o jovem poeta Ivan Nikolaevitch Ponirov, que escrevia sob o pseudónimo de "Bezdomni"².

Chegados à sombra das tílias, que apenas começavam a verdejar, os dois escritores avançaram de imediato para um quiosque multicolor com a tabuleta: CERVEJA E ÁGUAS.

Sim, é preciso assinalar a primeira coisa estranha dessa horrível noite de Maio. Não apenas junto ao quiosque, mas em toda a alameda paralela à Rua Málaia Bronnaia, não se via uma única pessoa. A uma hora em que parecia que já não chegavam as forças nem para respirar, quando o Sol, depois de ter abrasado Moscovo, se escondera no nevoeiro seco algures para lá da Sadovaia, não havia ninguém debaixo das tílias, ninguém sentado nos bancos. A alameda estava deserta.

– Dê-me uma água Narzan – pediu Berlioz.

– Não há Narzan – respondeu a mulher do quiosque, parecendo ofendida.

– Tem cerveja? – perguntou Bezdomni com voz rouca.

– Cerveja só trazem à noite – respondeu a mulher.

– Que tem então? – quis saber Berlioz.

– Sumo de alperce, mas está quente – disse a mulher.

¹ "Literatura de massas." (N. do T)

² "Aquele que não tem casa." (N. do T)

– Bom, traga, traga, traga!...

O sumo de alperce produziu uma abundante espuma amarela e o ar ficou impregnado de um cheiro a barbearia. Depois de beberem, os escritores começaram logo aos soluços. Pagaram e sentaram-se num banco, voltados para o lago e de costas para a Bronnaia. E então ocorreu um segundo facto estranho, que envolveu apenas Berlioz. Deixou subitamente de soluçar, o coração saltou-lhe e parou por um momento, para logo voltar a bater, mas com uma agulha espetada. Além disso, Berlioz foi tomado de um medo infundado, mas tão forte, que teve vontade de fugir do parque sem olhar para trás. Olhou ansiosamente à sua volta, sem compreender o que o tinha assustado. Empalideceu, enxugou a testa com o lenço, pensando: “Que é que eu tenho? Isto nunca me aconteceu... o meu coração não está bem... estou extenuado. Talvez seja altura de mandar tudo para o Diabo e partir para Kisslovodsk...”.

E, nesse momento, o ar escaldante condensou-se à frente dele, e desse ar formou-se um cidadão transparente, de aspecto muito estranho. Trazia um boné de jóquei na cabeça pequena, e vestia um casaquinho de xadrez apertado, também aéreo... Era um cidadão com cerca de dois metros de altura, mas estreito de ombros, incrivelmente magro, e, note-se, o seu rosto tinha uma expressão de escárnio.

A vida de Berlioz sempre decorrera de tal modo que não o preparara para fenómenos extraordinários. Empalidecendo ainda mais, arregalou os olhos e pensou, perturbado: “Isto não pode ser!...”.

Mas, infelizmente, podia ser e era. O longilíneo cidadão, sempre transparente, oscilava à frente dele, para a esquerda e para a direita.

O terror apoderou-se de tal modo de Berlioz que ele fechou os olhos. E quando os abriu, viu que tudo terminara, a figura dissolvera-se, o axadrezado desaparecera e, ao mesmo tempo, desapareceu a agulha romba que lhe ferrava o coração.

– Fu, diabo! – exclamou o editor. – Sabes, Ivan, ia tendo agora um ataque por causa do calor! Tive mesmo uma espécie de alucinação.

Tentou rir, mas a ansiedade ainda lhe pairava nos olhos e as mãos tremiam-lhe. Mas acalmou-se gradualmente, abanou-se com o lenço e, dizendo com bastante vivacidade: “Ora... pois...”, continuou a conversa interrompida pelo sumo de alperce.

Essa conversa, como depois se soube, era sobre Jesus Cristo. O editor tinha encomendado ao poeta um longo poema anti-religioso para o próximo número da revista. Ivan Nikolaevitch tinha composto o poema, e até com muita rapidez, mas infelizmente o editor não tinha ficado nada satisfeito com ele. Bezdomni pintara a principal personagem do seu

poema, ou seja, Jesus, com cores muito sombrias, e, no entanto, na opinião do redactor, era preciso rescrever todo o poema. E agora o redactor fazia ao poeta uma espécie de conferência sobre Jesus, a fim de sublinhar o erro fundamental do poeta.

Era difícil dizer o que é que precisamente traíra o poeta: se o poder imaginativo do seu talento ou o completo desconhecimento do assunto sobre o qual escrevia. Mas o Jesus que ele retratara era, digamos, como que uma personagem viva, embora não muito atraente. E Berlioz queria provar ao poeta que o mais importante não era como tinha sido Jesus, mau ou bom, mas que esse Jesus, como indivíduo, nunca existira e que todas as histórias sobre ele eram pura invenção, o mais vulgar dos mitos.

Devemos assinalar que o redactor era um homem de muitas leituras e citava habilidosamente no seu discurso os historiadores antigos, por exemplo o célebre Filon de Alexandria, o brilhante erudito Flávio Josefo, que nunca disseram nem uma palavra acerca da existência de Jesus. Mostrando uma sólida erudição, Mikhail Alexandrovitch informou o poeta, entre outras coisas, de que a passagem do Livro Quinze, no Capítulo 44 dos famosos Anais de Tácito, onde se fala de Jesus, não é mais que uma interpolação posterior e falsa.

O poeta, para quem tudo aquilo que o redactor dizia era novidade, escutava atentamente Mikhail Alexandrovitch, fixando nele os seus olhos verdes, vivos e desenvoltos, e só de vez em quando soluçava, amaldiçoando em voz baixa o refresco de alperce.

— Não há uma única religião oriental — dizia Berlioz — em que, como regra, uma virgem imaculada não dê à luz um deus. E os cristãos, sem inventarem nada de novo, criaram do mesmo modo o seu Jesus, o qual de facto nunca existiu. E é isto que deve ser principalmente realçado...

A forte voz de tenor de Berlioz ecoava na alameda deserta, e, à medida que Mikhail Alexandrovitch penetrava em labirintos onde só um homem muito culto se pode aventurar sem correr o risco de quebrar a face, o poeta aprendia cada vez mais coisas interessantes e úteis sobre o Osíris egípcio, o deus benfazejo, filho do Céu e da Terra, sobre o deus fenício Tamuz, sobre Marduque, e até sobre o menos conhecido e terrível deus Huitzilopochtli, outrora profundamente venerado pelos astecas no México.

E no preciso momento em que Mikhail Alexandrovitch contava ao poeta como os astecas moldavam em massa de pão a figura de Huitzilopochtli, apareceu na alameda o primeiro transeunte.

Posteriormente, quando, para falar verdade, era já demasiado tarde, várias instituições apresentaram relatórios com a descrição desse homem. A comparação entre esses relatórios não pode deixar de causar estupefacção. Assim, no primeiro diz-se que ele era de baixa estatura, tinha dentes de ouro e coxeava da perna direita. No segundo, esse homem era de estatura enorme, tinha coroas de platina e coxeava da perna esquerda. O terceiro relatório informa laconicamente que o homem não tinha quaisquer sinais particulares.

Devemos reconhecer que nenhum desses relatórios tem qualquer utilidade.

Antes de mais, o homem descrito não coxeava de nenhuma das pernas e não era de estatura baixa nem demasiado alta, mas simplesmente alto. Quanto aos dentes, do lado esquerdo tinha coroas de platina e de ouro no lado direito. Vestia um fato caro cinzento, e usava sapatos estrangeiros da mesma cor. O boné cinzento caía-lhe ousadamente sobre a orelha e debaixo do braço trazia uma bengala com castão preto em forma de cabeça de cão-d'água. Aparentava ter pouco mais de quarenta anos, tinha a boca um pouco torcida e estava muito bem barbeado. Era moreno. O olho direito era negro e o esquerdo, não se sabe porquê, era verde. As sobrancelhas eram negras, mas uma mais alta que a outra. Em suma, um estrangeiro.

Ao passar junto do banco onde estavam sentados o editor e o poeta, o estrangeiro olhou-os de soslaio, parou e, subitamente, sentou-se no banco próximo, a dois passos dos amigos.

“Alemão”, pensou Berlioz. “Inglês”, pensou Bezdomni. “E de luvas, com este calor.”

O estrangeiro percorreu com o olhar os altos edifícios que formavam um quadrado em volta do lago, e era evidente que via aquele lugar pela primeira vez e que ele lhe interessava.

Deteve o olhar nos andares superiores cujos vidros reflectiam ofuscantemente o sol fragmentado que abandonava Mikhail Alexandrovitch para sempre, depois baixou-o para onde as vidraças começavam a escurecer com a noite, sorriu com ar superior, semicerrou os olhos, colocou as mãos sobre o castão da bengala e apoiou o queixo nas mãos.

— Tu, Ivan — disse Berlioz —, descreveste muito bem e em tom satírico, por exemplo, o nascimento de Jesus, filho de Deus, mas a questão está em que antes de Jesus nasceu toda uma série de filhos de deuses como, por exemplo, o Âtis frígio. Em suma, nenhum deles nasceu e nenhum deles existiu, incluindo o próprio Jesus. E é preciso que tu, em

vez do nascimento ou, digamos, da chegada dos Reis Magos, descrevas os boatos absurdos sobre esse nascimento... Ora do teu relato resulta que ele realmente nasceu!...

Então Bezdomni fez uma tentativa para acabar com os soluços, sustendo a respiração, o que o fez soluçar mais dolorosamente e mais alto, e, nesse mesmo instante, Berlioz interrompeu o seu discurso, porque de súbito o estrangeiro levantou-se e encaminhou-se para os escritores. Estes olharam-no atônitos.

— Desculpem, por favor — disse o homem, com sotaque estrangeiro mas sem deformar as palavras —, se, não vos conhecendo, tomo a liberdade... mas o tema da vossa erudita conversa é tão interessante que...

Tirou polidamente o boné, e os dois amigos não tiveram outro remédio senão levantarem-se e cumprimentá-lo.

“Não, deve ser francês...”, pensou Berlioz. “Polaco?...”, pensou Bezdomni. Deve-se acrescentar que desde as primeiras palavras o estrangeiro suscitou no poeta uma impressão de repulsa, enquanto Berlioz gostou dele, ou antes, não é que tenha gostado dele, mas... como dizer... despertou-lhe interesse, digamos.

— Permitem que me sente? — pediu com polidez o estrangeiro, e, involuntariamente, os amigos afastaram-se, o estrangeiro sentou-se entre eles e entrou de imediato na conversa. — Se bem ouvi, o senhor dizia que Jesus nunca existiu? — perguntou o estrangeiro, voltando para Berlioz o seu olho esquerdo, verde.

— Sim, ouviu bem — respondeu cortesmente Berlioz. — Foi precisamente isso que eu disse.

— Ali, que interessante — exclamou o estrangeiro. “Mas que diabo quer ele?”, pensou Bezdomni, franzindo as sobrancelhas.

— E o senhor concordou com o seu interlocutor? — inquiriu o desconhecido, voltando-se para a direita, para Bezdomni.

— Cem por cento! — confirmou este, que gostava de expressões rebuscadas e alegóricas.

— Admirável! — exclamou o interlocutor e, lançando olhadelas furtivas e baixando ainda mais a voz, disse: — Desculpem-me a impertinência, mas, ao que percebi, os senhores, para além do mais, também não acreditam em Deus? — Teve um olhar de espanto e acrescentou: — Juro que não digo a ninguém.

– É verdade, não acredita-mos em Deus – respondeu Berlioz, sorrindo levemente do receio do turista estrangeiro –, mas podemos falar disso com toda a liberdade.

O estrangeiro recostou-se no banco e perguntou, numa voz meio esganiçada de curiosidade:

– Os senhores são ateus?

– Sim, somos ateus – respondeu Berlioz, e Bezdomni pensou irritado: “Está grudado, este pato estrangeiro!”.

– Oh, que coisa fascinante! – exclamou o atônito estrangeiro, e virava a cabeça olhando ora para um, ora para outro dos literatos.

– No nosso país, o ateísmo não surpreende ninguém – disse Berlioz diplomaticamente. – A maioria da nossa população deixou, conscientemente e há muito tempo, de acreditar em histórias sobre Deus.

Então o estrangeiro saiu-se com esta: pôs-se de pé e apertou a mão do assombrado editor, enquanto dizia estas palavras:

– Permita que lhe agradeça de todo o coração!

– Porque é que lhe agradece? – interrogou Bezdomni pestanejando. – Por uma informação muito importante que, para mim, como viajante, é muito interessante – explicou o estrangeiro excêntrico, erguendo um dedo significativamente.

Pelos vistos, a importante informação produziu de facto uma forte impressão no viajante, porque ele relanceou os olhos assustados pelos edifícios, como se receasse ver um ateu em cada janela.

“Não, não é inglês...”, pensou Berlioz, enquanto Bezdomni pensava: “Interessante, onde terá ele aprendido a falar assim russo!”, e de novo franziu as sobrancelhas.

– Mas permita que lhe pergunte – tornou o visitante estrangeiro depois de reflectir ansiosamente. – E as provas da existência de Deus, as quais, como se sabe, são exactamente cinco?

– Infelizmente! – respondeu Berlioz com pesar –, nenhuma dessas provas vale nada, e a humanidade já as mandou há muito para o arquivo. Pois há-de concordar que no domínio da razão não pode haver nenhuma prova da existência de Deus.

– Bravo! – exclamou o estrangeiro. – Bravo! O senhor repete interiormente o pensamento do velho irrequieto Immanuel sobre esse assunto. E coisa curiosa: ele demoliu completamente as cinco provas, e depois, como que troçando de si mesmo, construiu a sua própria sexta prova!

– A prova de Kant – ripostou o culto editor com um leve sorriso – também não é convincente. E não era em vão que Schiller dizia que as considerações de Kant sobre esta questão só podem satisfazer os escravos, e Strauss limitou-se a rir dessa prova.

Enquanto falava, Berlioz ia pensando: “Mas afinal, quem será ele? E porque é que fala tão bem russo?”.

– Esse tal Kant, havia que agarrá-lo e mandá-lo para Solovki, por essas provas! – lançou inesperadamente Ivan Nikolaevitch.

– Ivan! – murmurou Berlioz, embaraçado. Mas a proposta de enviar Kant para Solovki não só não impressionou o estrangeiro como o deixou encantado.

– Exactamente, exactamente! – exclamou ele e o seu olho esquerdo, verde, voltado para Berlioz, cintilou. – Lá é que é o lugar dele! Pois na altura eu disse-lhe, ao pequeno-almoço: “Desculpe, professor, mas o senhor inventou uma coisa que não faz sentido! É talvez inteligente, mas demasiado incompreensível. Vão fazer troça de si”.

Berlioz arregalou os olhos. “Ao pequeno-almoço?... A Kant?... Que está ele para ali a inventar?”, pensou.

– Mas – prosseguiu o estrangeiro sem se perturbar com o assombro de Berlioz e voltando-se para o poeta – enviá-lo para Solovki é impossível, pela simples razão de que há mais de cem anos que ele reside em lugares consideravelmente mais afastados que Solovki, e asseguro-lhes que não há maneira de tirá-lo de lá!

É pena! – respondeu o poeta, quezilento. Também tenho pena! – concordou o desconhecido, de olho a luzir, e continuou: – Mas há uma questão que me preocupa: se Deus não existe, quem é então, pergunto eu, que governa a vida dos homens e toda a ordem na Terra?

– Governa-a o próprio homem – apressou-se Bezdomni a responder, irritado, a esta pergunta, reconheça-se, não muito clara.

– Desculpe – disse delicadamente o desconhecido –, mas para governar é preciso, quer se queira quer não, ter um plano preciso pelo menos para um período razoável. Permita-me portanto que lhe pergunte como pode o homem governar, se ele não só é incapaz de estabelecer um qualquer plano ao menos para um período ridiculamente breve, digamos de mil anos, como nem sequer é capaz de garantir o seu próprio dia de amanhã? E na verdade aqui o desconhecido voltou-se para Berlioz – imagine que o senhor, por exemplo, começa a governar, a mandar nos outros e em si mesmo, começa, digamos, a tomar-lhe o gosto, e de repente aparece-lhe... hum, hum... um sarcoma num pulmão... – aqui o estrangeiro riu suavemente, como se a ideia do sarcoma no pulmão lhe

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

